

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA

ISMAEL DE SIQUEIRA MENDONÇA



Cultura queer brasileira:

análise das legendas e estratégias tradutórias

no reality show Drag Race Brasil

Uberlândia/MG

2025

ISMAEL DE SIQUEIRA MENDONÇA

Cultura queer brasileira:  
análise das legendas e estratégias tradutórias  
no reality show Drag Race Brasil

Monografia apresentada ao Curso  
de Graduação em Tradução do Instituto de  
Letras e Linguística da Universidade  
Federal de Uberlândia como requisito  
parcial para a obtenção do título de  
Bacharel em Tradução.

Orientadora: Profa. Dra. Silvana  
Maria de Jesus

Uberlândia/MG

2025

ISMAEL DE SIQUEIRA MENDONÇA

Cultura queer brasileira:  
análise das legendas e estratégias tradutórias  
no reality show Drag Race Brasil

Monografia apresentada ao Curso de  
Tradução do Instituto de Letras e Linguística da  
Universidade Federal de Uberlândia como requisito  
parcial para a obtenção do título de Bacharel em  
Tradução

Banca de Avaliação:

Profa. Dra. Silvana Maria de Jesus – UFU

Orientadora

Profa. Dra. Paula Godói Arbex – UFU

Membro

Prof. Dr. Fabio Figueiredo Camargo– UFU

Membro

Uberlândia/MG, 16 de setembro de 2025

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha família, por sempre acreditar em mim mais do que eu mesmo. Em especial, à minha mãe, que me ensinou a ser forte, resiliente e a nunca deixar nada inacabado.

À minha orientadora, professora Silvana, agradeço o auxílio e a paciência durante a elaboração deste trabalho, sobretudo por ter acolhido e apoiado a ideia do meu tema, que possui grande significado para mim.

Às amigadas que encontrei na graduação, minha gratidão é imensa. Lett e Dani, sinto que somos a mesma frase escrita em fontes diferentes, e isso me faz acreditar que a vida presta. Karol, minha *roommate*, guardo com carinho as nossas conversas jogadas pelo nosso apartamento, as noites de filmes e o apoio que sempre esteve lá, sua amizade é ouro. Julia, seu humor reflete o meu, e nossos olhares um para o outro diante de situações engraçadas como se estivéssemos num episódio de *Fleabag* quebrando a quarta parede, foram cenas que nunca vou esquecer, obrigado por esses momentos. Vocês fizeram desta jornada algo mais leve, mais vivo.

E a você, Didico, meu (futuro) marido, não sei como agradecer. Você me inspira a ser melhor, estive ao meu lado em cada etapa e, por isso, minhas conquistas também são suas. Eu te daria o mundo se pudesse, é o mínimo que você merece.

Não poderia deixar de mencionar a importância do reality show *Drag Race* em minha trajetória. Como homem gay, esse programa foi mais do que entretenimento: foi fonte de inspiração, pertencimento e orgulho. Ele me mostrou que é possível transformar vulnerabilidade em força, dor em arte e diferença em potência. A escolha deste tema para minha pesquisa é, portanto, também um gesto de reconhecimento da relevância cultural e pessoal que o universo queer teve e continua tendo na minha vida.

And now... Sashay away!

## Resumo

O presente trabalho analisa a tradução para o inglês (variedade estadunidense) das legendas do reality show *Drag Race Brasil*, com foco nas expressões características da linguagem queer brasileira. A pesquisa examina como essas expressões são transpostas para o idioma de chegada, considerando aspectos linguísticos, culturais e identitários. A fundamentação teórica apoia-se nas estratégias de legendagem de Gottlieb (1994) e na definição de tradução proposta por Robinson (2020). A metodologia envolveu a análise do primeiro episódio da primeira temporada do programa, identificando expressões queer e comparando suas legendas em português e inglês. Os resultados indicam que a maioria das traduções recorreu à transferência, priorizando fluidez e compreensão para o público internacional, mas nem sempre preservando nuances culturais e identitárias. Expressões submetidas à transferência ou imitação demonstraram maior fidelidade cultural e performativa. O estudo evidencia o papel do tradutor como mediador cultural e oferece sugestões de traduções alternativas contribuindo para os estudos de tradução audiovisual e para a visibilidade de práticas culturais LGBTQIA+.

**Palavras-chave:** tradução audiovisual, legendagem, linguagem queer, *Drag Race Brasil*.

## **Abstract**

This study analyzes the translation of Brazilian Portuguese subtitles into American English in the reality show *Drag Race Brasil*, focusing on expressions characteristic of Brazilian queer language. It examines how these expressions are conveyed in the target language, considering linguistic, cultural, and identity-related aspects. The theoretical framework is based on Gottlieb's (1994) subtitling strategies, and Robinson's (2020) definition of translation. The methodology involved analyzing the first episode of the show's first season, identifying queer expressions and comparing the Portuguese and English subtitles. Results show that most translations relied on paraphrasing with a tendency toward domestication, favoring fluency and comprehension for international audiences but sometimes reducing cultural and identity-specific nuances. Expressions translated through transfer or imitation preserved greater cultural and performative fidelity. The study highlights the translator's role as a cultural mediator and provides alternative translation suggestions that balance contributing to audiovisual translation studies and the visibility of LGBTQIA+ cultural practices.

**Keywords:** audiovisual translation, subtitling, queer language, *Drag Race Brasil*

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|   |    |
|---|----|
| Figura 1 - Estratégias de tradução de Gottlieb adaptadas por Christopher Taylor (2000, apud Farinha, 2021)..... | 13 |
| Figura 2: Legenda “a Naza é do Kikiki.” .....   | 17 |
| Figura 3: Legenda “ <i>Mana, estamos no Drag Race Brasil!</i> ” .....   | 18 |
| Figura 4: Legenda “Somos as primeiras Rugirls brasileiras.” .....   | 20 |
| Figura 5: Legenda “[Aquarela] Cadê a sétima? A oitava? A “onzima”?” .....                                       | 21 |
| Figura 6: Legenda “A biscoiteira chegou!” .....   | 22 |
| Figura 7: Legenda “Mas fiquei quieta, para não xoxar a mana já no início.” .....                                | 23 |
| Figura 8: Legenda “Passada, meu amor! - Passadíssima!” .....  | 24 |
| Figura 9: Legenda “Olha, eu vou entregar muita coisa babadeira.” .....  | 25 |
| Figura 10: Legenda “Meu amor, muita lacração.” .....  | 26 |
| Figura 11: Legenda “Segura esse dirigidón, bonecas!” .....  | 27 |
| Figura 12: Legenda “Mona! No primeiro episódio? Pegou pesado.” .....  | 28 |
| Figura 13: Legenda “ <i>Prepara o close. Que eu te pego na pose.</i> ” .....                                    | 29 |
| Figura 14: Legenda “Estou aqui pra arrasar.” .....  | 31 |
| Figura 15: Legenda “Foi um bapho!” .....  | 32 |
| Figura 16: Legenda “The shade!” .....   | 33 |

## SUMÁRIO

|   |                                      |
|---|--------------------------------------|
| 1 - INTRODUÇÃO .....  | 9                                    |
| 2 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....  | 11                                   |
| 2.1 Cultura e linguagem drag nos Estados Unidos e no Brasil .....       | 11                                   |
| 2.2 Gottlieb: estratégias de legendagem .....                           | 12                                   |
| 2.3 Definição de tradução adotada.....                                  | <b>Erro! Indicador não definido.</b> |
| 3 - METODOLOGIA .....   | 15                                   |
| 3.1 Seleção e acesso ao material.....                                   | 15                                   |
| 3.2 Primeira etapa: identificação e descrição das expressões queer..... | 15                                   |
| 3.3 Segunda etapa: análise comparativa das legendas.....                | 15                                   |
| 4 - ANÁLISE DAS EXPRESSÕES .....  | 17                                   |
| 4.1 Kikiki.....   | 17                                   |
| 4.2 Mana .....  | 18                                   |
| 4.3 Rugirls.....  | 19                                   |
| 4.4 Aloka .....   | 20                                   |
| 4.5 Biscoiteira.....  | 22                                   |
| 4.6 Xoxar.....  | 23                                   |
| 4.7 Passada / Passadíssima .....  | 24                                   |
| 4.8 Coisa babadeira .....   | 25                                   |
| 4.9 Lacração .....  | 26                                   |
| 4.10 Diriguidón .....   | 27                                   |
| 4.11 Mona .....   | 28                                   |
| 4.12 Close.....   | 29                                   |
| 4.13 Arrasar .....  | 30                                   |
| 4.14 Bapho.....   | 31                                   |
| 4.15 The Shade.....   | 32                                   |
| CONCLUSÃO .....   | 35                                   |
| REFERÊNCIAS .....   | 37                                   |



## 1 – INTRODUÇÃO

O presente trabalho analisa a tradução para o inglês (variedade estadunidense) das legendas do reality show *Drag Race Brasil*, com foco nas expressões características da linguagem queer brasileira. A legendagem desempenha papel central na compreensão do conteúdo por espectadores estrangeiros, influenciando não apenas o entendimento linguístico, mas também a experiência cultural do programa. Ao lidar com elementos culturalmente marcados, o tradutor enfrenta o desafio de equilibrar clareza e preservação da identidade linguística, evitando que nuances e significados próprios da comunidade LGBTQIA+ se percam na transposição para outro idioma.

O *Drag Race Brasil*, versão nacional do aclamado *RuPaul's Drag Race*, reúne drag queens de diferentes regiões e estilos para competir em provas de moda, performance, atuação e *lip sync*. Mais do que entretenimento, o programa amplia a visibilidade da cultura drag no país, abordando temas como diversidade, representatividade e resistência. Assim como o formato original estadunidense, a edição brasileira contribui para a circulação de expressões queer, muitas das quais têm raízes em movimentos culturais e artísticos, como o *ballroom* norte-americano, o carnaval brasileiro e o funk carioca (Tavares; Branco, 2021).

A linguagem queer, tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos, transformam termos existentes e geram constantemente novas expressões a partir da interação social. Nos EUA, a cena *ballroom* e a cultura pop difundiram termos como *shade*, *werk*, *gagged* e *sissy that walk*. No Brasil, as expressões queer incorporam vocabulário regional, elementos do carnaval, do funk e do pajubá, resultando em termos como *mana*, *mona*, *babadeira*, *biscoiteira*, *passada* e *bapho* (Gomes Junior, 2021). A tradução entre essas variantes linguísticas exige negociação de sentidos e valores culturais, não apenas troca de palavras.

Este estudo adota como referência as estratégias de legendagem propostas por Gottlieb (1994), adaptadas por Taylor (2000, *apud* Farinha, 2021). Essas estratégias oferecem ferramentas para lidar com limitações técnicas da legendagem e, ao mesmo tempo, possibilitam que as expressões queer mantenham seu impacto no idioma de chegada, considerando aspectos semânticos, culturais e performativos.

O objetivo geral deste trabalho é analisar as legendas do reality *Drag Race Brasil* traduzidas para o inglês-US, com ênfase nas expressões queer, visando contribuir para os estudos sobre tradução queer.

Objetivos específicos:

- Identificar expressões queer presentes nos episódios analisados;
- Analisar as estratégias tradutórias utilizadas nas legendas oficiais em inglês;
- Avaliar a eficácia das estratégias de legendagem na preservação de significados culturais e performativos;
- Apresentar sugestões alternativas quando as escolhas tradutórias resultarem em perdas de significado ou quando se tem alguma alternativa correspondente.

A questão central que orienta esta pesquisa consiste em identificar quais estratégias tradutórias são empregadas na tradução das expressões queer do *Drag Race Brasil* para o inglês e em que medida essas escolhas mantêm ou modificam seu caráter identitário.

Este estudo se justifica pelo fato de que a tradução de conteúdos queer no audiovisual envolve questões linguísticas, culturais e políticas. No *Drag Race Brasil*, a linguagem utilizada é parte essencial da performance drag e da identidade queer, constituindo patrimônio cultural imaterial. Ao analisar as soluções tradutórias adotadas e propor alternativas com base nas estratégias de legendagem, esta pesquisa contribui para os estudos de tradução audiovisual voltados à diversidade cultural e à visibilidade de vozes dissidentes.

## 2 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Tradução Audiovisual (TAV) busca tornar produtos audiovisuais acessíveis a públicos que não dominam a língua-fonte, abrangendo dublagem, legendagem e interpretação simultânea (Cintas; Remael, 2007). A legendagem, foco deste estudo, consiste na transposição da linguagem oral para a escrita, mantendo a sincronização com áudio e imagem e incorporando informações paralinguísticas, como sons e placas visuais, essenciais para a narrativa e para a acessibilidade (Ivarsson; Carroll, 1998).

Trata-se de uma tradução intersemiótica, que articula signos verbais e não verbais, exigindo concisão e clareza para preservar significado e impacto performativo (Cintas; Remael, 2007). A legendagem demanda decisões estratégicas do tradutor, que deve avaliar quais elementos verbais e sonoros são essenciais para a compreensão do enredo, considerando que nem todo diálogo necessita ser legendado se a informação visual é universalmente inteligível (Gottlieb, 1994).

A linguagem verbal oral é dinâmica e diretamente ligada à comunidade que a produz, especialmente em contextos performativos como o Drag Race, onde gírias, neologismos e expressões culturais caracterizam a identidade queer (Cintas; Remael, 2007). A tradução dessas expressões exige atenção à função pragmática, à equivalência cultural e à preservação do efeito performativo, recorrendo a estratégias como empréstimo, explicitação ou criação de neologismos. Como observa Rittmayer (2009, p. 6), a tradução de gírias é problemática em mais de um aspecto: muitas vezes não há equivalentes na língua de chegada ou, quando existem, podem ser múltiplos, exigindo do tradutor escolhas entre expressões com conotações distintas. Esse desafio se torna ainda mais evidente no caso da linguagem queer, que mobiliza marcadores identitários e sociais de difícil transposição para outro idioma.

No contexto do Drag Race, expressões queer exercem função identitária, política e, em alguns momentos, humorística. Sua tradução envolve negociação entre clareza para o público estrangeiro e preservação da riqueza cultural e social presente na linguagem brasileira.

### 2.1 Linguagem drag nos Estados Unidos e no Brasil

Nos Estados Unidos, a linguagem queer foi profundamente marcada pela cultura ballroom, espaço de resistência e identidade para pessoas LGBTQIA+, especialmente negras e latinas. Durante os anos de 1990, o documentário *Paris is Burning* (1990), dirigido por Jennie Livingston, retratou de forma emblemática essa comunidade *underground* e suas práticas linguísticas, performáticas e sociais. Essa linguagem particular, já consolidada na época, é a que mais se aproxima do repertório usado até hoje. Ainda nos anos 1990, RuPaul Charles alcançou sucesso com a canção Supermodel (*You Better Work*), saindo da cena alternativa nova-iorquina para se tornar a drag queen mais famosa do mundo. Anos depois, em 2009, RuPaul lançou o reality show *RuPaul's Drag Race*, responsável por impulsionar carreiras, apresentar a subcultura drag ao público *mainstream* e disseminar expressões queer na cultura pop contemporânea (Tavares; Branco, 2021).

No Brasil, a linguagem queer incorpora elementos do carnaval, do funk carioca, de expressões regionais e do *pajubá*, entendido como repertório afro-diaspórico que ressignifica palavras do iorubá e as reinscreve como marcadores identitários (Gomes Junior, 2021). O *pajubá*, também denominado *bajubá*, constitui uma marca identitária da comunidade LGBTQIA+. Segundo Nascimento, Mariano e Santos (2021), trata-se de um repertório linguístico que se desenvolveu como forma de socialização, refletindo a posição social do grupo e funcionando como estratégia de resistência diante de processos de exclusão. Assim como outras variedades linguísticas associadas a grupos sociais específicos, o *pajubá* materializa a construção de um modo particular de comunicação, consolidado dentro da comunidade queer brasileira.

Paralelamente, sua formação remete a um percurso histórico mais amplo. De acordo com Reif (2019), o *pajubá* resulta da fusão de termos da língua portuguesa com palavras de origem nagô e iorubá, trazidas por africanos escravizados da África Ocidental. Essas palavras foram preservadas sobretudo em práticas de religiões afro-brasileiras, como o candomblé, cujos terreiros se configuraram como espaços de acolhimento e de ressignificação cultural. Nesse contexto, elementos linguísticos foram incorporados e, posteriormente, difundidos para o cotidiano da comunidade LGBTQIA+, adquirindo novas funções identitárias.

## 2.2 Gottlieb: estratégias de legendagem

Henrik Gottlieb (1994) propõe estratégias para lidar com limitações técnicas da legendagem, permitindo ao tradutor-legendador preservar significado, ritmo e efeito comunicativo. A interpretação de Christopher Taylor (2000) aplica a linguística funcional à legendagem, considerando a função pragmática e a adequação ao público. Essa classificação foi retomada e organizada por Farinha (2021), que a sistematiza em um quadro de estratégias tradutórias, especialmente útil para a análise das expressões queer no Drag Race Brasil.

*Figura 1 - Estratégias de tradução de Gottlieb adaptadas por Christopher Taylor (2000, apud Farinha, 2021)*

| <b>Estratégia</b>    | <b>Descrição</b>   |
|----------------------|--|
| <b>Expansão</b>      | Estratégia usada quando o original tem de ser explicado por razões culturais   |
| <b>Paráfrase</b>     | Estratégia adotada quando a fraseologia do original não pode ser reconstruída da mesma maneira na língua-alvo  |
| <b>Transferência</b> | Tradução completa e correta do sentido e da forma do original  |
| <b>Imitação</b>      | Manutenção de formas específicas, como nomes próprios  |
| <b>Transcrição</b>   | Manutenção de termos que causam estranheza no texto fonte  |
| <b>Deslocamento</b>  | Estratégia adotada quando o original usa um efeito especial, como uma música num filme de desenhos animados, em que o efeito ganha primazia sobre o conteúdo |
| <b>Condensação</b>   | Estratégia que consiste na redução do texto original da forma menos obstrutiva possível  |
| <b>Dizimação</b>     | Estratégia de condensação extrema, em que até alguns elementos importantes são omitidos (devido a restrições de espaço)                                      |
| <b>Eliminação</b>    | Eliminação de partes de um texto   |
| <b>Resignação</b>    | Estratégia adotada quando não há uma solução satisfatória e se perde o sentido   |

Fonte: Farinha (2021, p. 32).

É importante destacar que, durante a análise, surgiram algumas situações que extrapolam as categorias originais propostas no quadro de estratégias. Um exemplo ocorre na estratégia de imitação, geralmente aplicada à manutenção de nomes próprios ou formas específicas da língua-fonte. No caso deste estudo, observou-se a ocorrência de expressões em português que, na realidade, têm origem no inglês, como *close* e *pose*. Nesses casos, a tradução para o inglês não configura exatamente uma imitação convencional, mas sim um fenômeno que pode ser descrito como “imitação reversa”, já que a expressão inglesa está sendo usada no português brasileiro.

### 2.3 Definição de tradução adotada

Essa pesquisa se baseia em uma visão da tradução como um fenômeno complexo, a partir da definição de Robinson (2020, p. 52, tradução nossa)<sup>1</sup>

...traduzir é uma atividade profissional regida pelas regras do mercado; é também uma atividade afetiva, regida pelas regras do que e como os indivíduos sentem. Porém, é igualmente uma atividade cognitiva, uma atividade inteligente, regida pelas regras de como as pessoas aprendem e como utilizam o que aprendem: como os tradutores desenvolvem suas próprias preferências e hábitos idiossincráticos em um procedimento geral para transformar textos-fonte em textos-alvo bem-sucedidos.

Essa perspectiva amplia a noção de tradução para além de uma prática meramente técnica, incorporando dimensões afetivas e cognitivas. Assim, entende-se que o tradutor não apenas aplica procedimentos de equivalência, mas também mobiliza experiências subjetivas e repertórios individuais na resolução de problemas tradutórios. Essa abordagem é especialmente relevante para este estudo, uma vez que a legendagem queer exige tanto sensibilidade cultural quanto criatividade performativa, aspectos que extrapolam regras normativas e envolvem decisões ancoradas na identidade e no contexto social do tradutor.

---

<sup>1</sup> “[t]ranslating is a professional activity governed by rules of the marketplace; and it is an affective activity, governed by the rules of what and how individuals feel (whether they enjoy what they’re doing). But it is also a cognitive activity, an intelligent activity, governed by the rules of how people learn, and how they use what they learn: how translators develop their own idiosyncratic preferences and habits into a general procedure for transforming source texts into successful target texts.” (Robinson, 2020, p. 52).

### 3 - METODOLOGIA

Este estudo foi estruturado em duas etapas principais: a identificação das expressões queer presentes nas legendas do primeiro episódio de *Drag Race Brasil* e a análise das estratégias tradutórias adotadas na versão oficial em inglês.

#### 3.1 Seleção e acesso ao material

As legendas usadas para análise estão disponíveis no primeiro episódio da primeira temporada de *Drag Race Brasil*, disponibilizado na plataforma de streaming WOW Presents Plus. O acesso às legendas foi obtido diretamente pela plataforma: utilizando um navegador de internet, acessei o episódio, cliquei com o botão direito do mouse sobre a página, selecionei a opção “Inspecionar” e, por meio da função CTRL + F, busquei pelo termo “Subtitle”. Dessa forma, localizei o arquivo em formato .txt contendo as legendas originais em português (pt-BR) e as legendas traduzidas para o inglês (en-US). Esse procedimento permitiu o acesso integral ao conteúdo das legendas para fins de análise acadêmica.

#### 3.2 Primeira etapa: identificação e descrição das expressões queer

Na primeira etapa, foi realizada a leitura integral das legendas em português, identificando expressões queer relevantes para a análise. Consideraram-se expressões que:

- Possuam uso consolidado ou emergente na comunidade LGBTQIA+ brasileira;
- Apresentem ressignificação em relação ao uso no português padrão;
- Tenham função de reforço identitário, humorístico ou performático no contexto do programa.

Cada expressão foi descrita levando em conta o momento do episódio em que ocorreu, a situação comunicativa e a intenção do falante.

#### 3.3 Segunda etapa: análise comparativa das legendas

A segunda etapa consistiu em uma análise comparativa entre a legenda em português e sua tradução para o inglês, observando:

- A correspondência entre a expressão original e a traduzida;
- As estratégias de legendagem utilizadas, conforme a tabela de Gottlieb (1994) adaptada por Christopher Taylor (2000, apud Farinha, 2021);
- A forma como a tradução mantém ou adapta elementos culturais, humorísticos e performativos.

Foram destacadas situações em que a tradução preserva o impacto cultural da expressão e casos em que houve substituição por termos mais neutros ou genéricos. Nessas situações, foram incluídas sugestões alternativas de tradução, com base nas estratégias analisadas, para demonstrar outras possibilidades.



## 4 - ANÁLISE DAS EXPRESSÕES

Foram selecionadas 15 expressões da linguagem queer presentes no *Drag Race Brasil* e analisadas segundo as estratégias de tradução propostas por Gottlieb (1994), retomadas por Taylor (2000, apud Farinha, 2021). A análise busca compreender de que forma a legendagem em inglês adapta os efeitos performativos dessas expressões, observando casos de imitação, paráfrase, transferência e resignação. É importante destacar que algumas ocorrências extrapolam as categorias originais, como o fenômeno que denominei de “imitação reversa” e a possibilidade de alternativas satisfatórias em casos classificados como resignação.

### 4.1 Kikiki

Figura 2: Legenda “a Naza é do Kikiki.”



Fonte: (WOW Presents Plus, 2023)

- **Legenda pt-BR:** “a Naza é do Kikiki.”
- **Legenda en-US oficial:** “She’s messy, she likes kiking.”
- **Estratégia:** Imitação reversa

No início do episódio, a participante Naza se apresenta e, ao falar de sua Drag, descreve-se como “do Kikiki”, referindo-se a seu estilo de socialização, diversão e fofoca na cultura queer brasileira. Essa expressão demonstra tanto a identidade

performativa de Naza quanto sua inserção no contexto da comunidade LGBTQIA+ brasileira.

### **Análise:**

A tradução mantém o termo através da imitação, utilizando o verbo queer *kiki*. Entretanto, a forma “kiking” não é idiomática no inglês estadunidense, já que o uso consagrado é *to kiki*, comum em contextos de diversão e fofoca (ex.: “Let’s have a kiki”), conforme evidenciado no vídeo de referência.<sup>2</sup>

### **Sugestão:**

“She loves to kiki” seria mais natural para falantes do inglês queer. Como alternativa, uma paráfrase: “She’s messy, she likes to gossip” garantiria inteligibilidade, mas perderia o efeito performativo do original.

## **4.2 Mana**

*Figura 3: Legenda “Mana, estamos no Drag Race Brasil!”*

---

<sup>2</sup> Ver “‘RuPaul’s Drag Race’ season 10 cast has a corporate kiki” (<https://www.youtube.com/watch?v=FA5KPMCEHA0>).



Fonte: (WOW Presents Plus, 2023)

- **Legenda pt-BR:** “Mana, estamos no Drag Race Brasil!”
- **Legenda en-US oficial:** “Girl, we’re on Drag Race Brazil!”
- **Estratégia:** Paráfrase

Logo após a entrada de Naza no estúdio, a participante Diva More se dirige a ela usando a expressão “Mana”, demonstrando afeto e cumplicidade.

#### **Análise:**

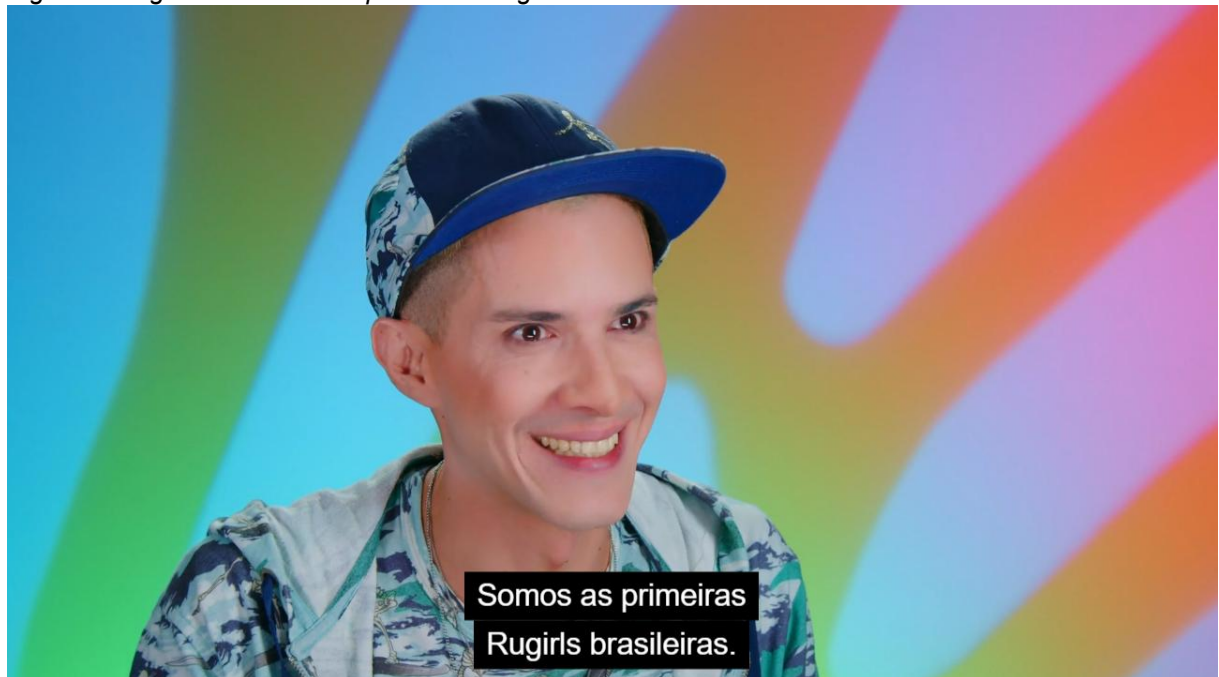
A tradução usa paráfrase para transmitir o sentido de afeto e proximidade de “Mana” para o público anglófono. A escolha de “Girl” cumpre o papel comunicativo de um vocativo próximo, mas não mantém o vínculo cultural específico da cena queer brasileira. A expressão “sis”, muito usada na cena drag estadunidense poderia trazer a carga de irmandade presente no original.

#### **Sugestão:**

“Sis, we’re on Drag Race Brazil!” funcionaria como transferência, mantendo a ideia de irmandade e aproximando-se mais do valor performativo do original.

### 4.3 Rugirls

Figura 4: Legenda “Somos as primeiras Rugirls brasileiras.”



Fonte: (WOW Presents Plus, 2023)

- **Legenda pt-BR:** “Somos as primeiras Rugirls brasileiras.”
- **Legenda en-US oficial:** “We’re the first Brazilian Rugirls.”
- **Estratégia:** Imitação reversa

Diva More, junto com as demais participantes, comemora sua participação no Drag Race Brasil dizendo “Somos as primeiras Rugirls brasileiras.” O termo “Rugirls” se refere diretamente às participantes do reality indicando pertencimento à comunidade drag consolidada pelo programa.

#### **Análise:**

O termo *Rugirls* já circula globalmente na comunidade drag e foi mantido por imitação. A legenda em inglês preserva a referência cultural e performativa, mantendo o efeito original.

#### 4.4 Aloka

Figura 5: Legenda “[Aquarela] Cadê a sétima? A oitava? A "onzima"? Aloka. [gargalha]”



Fonte: (WOW Presents Plus, 2023)

- **Legenda pt-BR:** “[Aquarela] Cadê a sétima? A oitava? A "onzima"? Aloka.”
- **Legenda en-US oficial:** “Where's the seventh girl? The "eleveneth"? Just kidding.”
- **Estratégia:** Paráfrase

No início do episódio, apenas seis participantes chegaram ao estúdio, e a apresentadora Grag se aproxima de Aquarela. Para brincar com a situação, Aquarela pergunta em tom de exagero e humor: “[Cadê a sétima? A oitava? A "onzima"? Aloka.]”, fazendo referência à ordem das participantes e encerrando com a expressão “Aloka”, que aqui indica surpresa, brincadeira e exagero performativo típico do universo drag brasileiro.

#### **Análise:**

A tradução para o inglês busca tornar o conteúdo imediatamente inteligível para o público-alvo. A estrutura numérica (“sétima”, “oitava”, “onzima”) não é preservada, pois na legenda não aparece a “oitava”, mas a expressão “Aloka” é substituída por “Just kidding”, que cumpre o efeito de tom de brincadeira. A escolha configura paráfrase, pois a tradução recria o efeito humorístico de forma funcional, mas sem reproduzir a expressão original.



#### 4.5 Biscoiteira

Figura 6: Legenda “A biscoiteira chegou!”



Fonte: (WOW Presents Plus, 2023)

- **Legenda pt-BR:** “A biscoiteira chegou!”
- **Legenda en-US oficial:** “The Cookie Monster is here!”
- **Estratégia:** Resignação

Na chegada da participante Melusine, que está com uma roupa cheia de biscoitos, ela se autointitula como “biscoiteira.”

#### **Análise:**

A tradução para “The Cookie Monster is here!” adapta a expressão para o público-alvo inglês. Entretanto, perde o significado original de “biscoiteira” como alguém que busca atenção ou engajamento social. A legenda adapta a fala ao figurino da participante, mas perde o sentido de busca por visibilidade.

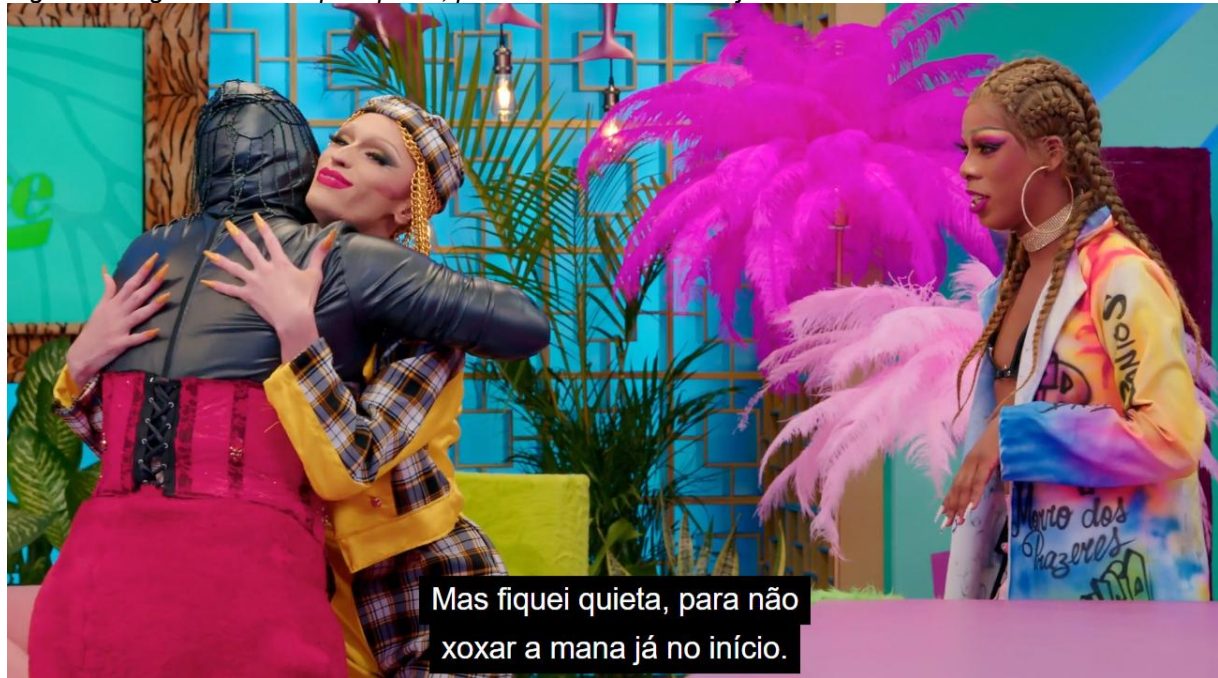
#### **Sugestão:**

Ainda que classificada como resignação, é possível propor uma alternativa satisfatória como “Attention seeker alert!”.

Essa sugestão entraria como estratégia de paráfrase, captura a ideia de alguém que busca atenção, enquanto ainda funciona dentro da cena queer em inglês, aproximando-se do efeito performativo da expressão original.

#### 4.6 Xoxar

Figura 7: Legenda “Mas fiquei quieta, para não xoxar a mana já no início.”



Fonte: (WOW Presents Plus, 2023)

- **Legenda pt-BR:** “Mas fiquei quieta, para não xoxar a mana já no início.”
- **Legenda en-US oficial:** “But I shut my mouth, so I wouldn’t read her right from the start.”
- **Estratégia:** Transferência

Quando a participante Tristan Soledade chega ao reality, Shanon Scarlett observa que a roupa dela está “despencando”, mas decide não comentar ou provocar a colega naquele momento. No português queer brasileiro, “xoxar” significa zoar, criticar ou falar de forma irônica, especialmente no contexto de Drag Race, mas de maneira afetuosa ou performativa.

No universo drag estadunidense, o termo “to read” refere-se ao ato de criticar ou expor falhas de alguém de forma espirituosa, irônica e performativa, geralmente sem a intenção de ofensa pessoal. Trata-se de uma prática cultural que, conforme observa Butler (1993, p. 129, apud Braga Junior, 2020, p. 58), envolve “derrubar alguém, expor o que não funcionou no nível da aparência, insultar ou ridicularizar alguém”, sendo eficaz justamente quando a crítica se afasta do óbvio e alcança o inesperado.

Essa tradição foi difundida pelo documentário *Paris is Burning* (1990) e incorporada como elemento em *RuPaul's Drag Race*. No programa, as queens utilizam o reading como forma de interação e competição: há desafios específicos em que comentam, de maneira sarcástica e exagerada, o estilo, a aparência ou a performance de suas rivais. Essa prática pode produzir humor.

Na tradução da expressão brasileira “xoxar”, o termo “read” captura o caráter irônico e performativo. O uso é adequado para a legenda, pois mantém o efeito performativo da ação de “xoxar”.

#### 4.7 Passada / Passadíssima

*Figura 8: Legenda “Passada, meu amor! - Passadíssima!”*



Fonte: (WOW Presents Plus, 2023)

- **Legenda pt-BR:** “Passada, meu amor! - Passadíssima!”
- **Legenda en-US oficial:** “Are you gagged? / I’m gagged.”
- **Estratégia:** Transferência

No final do desfile da passarela, a apresentadora Grag Queen interage com as participantes para saber como se sentiram após o desafio. A expressão “passada” é usada para indicar surpresa, choque ou impacto diante de algo impressionante, no caso, os looks e performances das queens na passarela.

**Análise:**



A legenda oficial em inglês, “Are you gagged? / I’m gagged”, utiliza o termo “gagged”, consolidado no inglês drag para expressar choque ou espanto diante de algo extraordinário, como looks, performances ou comentários inesperados. A tradução é uma transferência, pois mantém a estrutura e o efeito performativo do original, reproduzindo o impacto emocional da expressão brasileira. A escolha é coerente com a cena, já que “gagged” é utilizado em *RuPaul’s Drag Race* para expressar surpresa ou deslumbramento.

**Sugestão:**

“Are you shook? / I’m shook!” seria outra possibilidade igualmente reconhecida.

#### 4.8 Coisa babadeira

*Figura 9: Legenda “Olha, eu vou entregar muita coisa babadeira.”*



Fonte: (WOW Presents Plus, 2023)

- **Legenda pt-BR:** “Olha, eu vou entregar muita coisa babadeira.”
- **Legenda en-US oficial:** “I’ll serve gag-worthy stuff.”
- **Estratégia:** Transferência

Shannon Scarlet está se apresentando no reality show e usa a expressão “vou entregar muita coisa babadeira” para indicar que suas performances e atitudes vão impressionar e impactar o público e as outras participantes. No português queer,

“babadeira” sugere algo grandioso, chocante ou digno de atenção, reforçando a performatividade queen.

#### **Análise:**

A legenda oficial em inglês, “I’ll serve gag-worthy stuff”, utiliza “gag-worthy”, expressão do inglês drag que indica algo tão impressionante ou chocante que provoca reação intensa. Trata-se de uma transferência, porque o termo não reproduz literalmente “babadeira”, mas busca transmitir a ideia de impacto e performatividade. A escolha é eficaz e mantém o efeito humorístico e comunicativo.

#### **Sugestão:**

“I’ll serve looks to gag for” reforçaria a musicalidade e a performatividade.

### 4.9 Lacração

*Figura 10: Legenda “Meu amor, muita lacração.”*



Fonte: (WOW Presents Plus, 2023)

- **Legenda pt-BR:** “Meu amor, muita lacração.”
- **Legenda en-US oficial:** “Baby, get ready to gag!”
- **Estratégia:** Transferência

Durante a apresentação de Shannon Scarlet, ela afirma “Meu amor, muita lacração” para expressar que pretende se destacar e impressionar no reality show. No

português queer, “lacrção” indica arrasar, causar impacto e se sobressair de maneira estilosa e performativa.

#### **Análise:**

A legenda oficial em inglês, “Baby, get ready to gag!”, utiliza “gag”, termo do inglês drag que denota surpresa, impacto ou excitação. Trata-se de transferência, porque adapta a frase ao idioma de chegada mantendo o efeito comunicativo e performativo. A tradução preserva a irreverência e a energia da expressão original.

#### **Sugestão:**

Não há necessidade de alteração, mas alternativas como “I’m gonna slay, baby!” ou “I’m ready to serve!”, seriam igualmente eficazes.

### 4.10 Diriguidón

*Figura 11: Legenda “Segura esse diriguidón, bonecas!”*



*Fonte: (WOW Presents Plus, 2023)*

- **Legenda pt-BR:** “Segura esse diriguidón, bonecas!”
- **Legenda en-US oficial:** “Hold that diriguidón, bitches!”
- **Estratégia:** Imitação

A apresentadora Grag Queen diz “Segura esse diriguidón, bonecas!” antes de se apresentar às participantes. A expressão é usada para chamar atenção e dar início



à performance, funcionando como marca de impacto e estilo próprio da drag queen brasileira

#### **Análise:**

A legenda oficial em inglês, “Hold that diriguidón, bitches!”, mantém a palavra brasileira, expondo o público de chegada a uma marca cultural específica. Isso permite que a expressão carregue seu efeito performativo e humorístico, mesmo que cause estranhamento para quem não conhece o contexto cultural.

#### **Sugestão:**

Uma alternativa como “Hold that beat, bitches!” funcionaria como transferência, traduzindo o conceito para algo mais reconhecível em inglês, mas reduziria a força cultural da expressão brasileira.

#### 4.11 Mona

*Figura 12: Legenda “Mona! No primeiro episódio? Pegou pesado.”*



Fonte: (WOW Presents Plus, 2023)

- **Legenda pt-BR:** “Mona! No primeiro episódio? Pegou pesado.”
- **Legenda en-US oficial:** “Bitch... In the first episode? That's shady.”
- **Estratégia:** Transferência

Durante a explicação do desafio da semana: compor, cantar e dançar uma música, a participante Aquarela reage com surpresa e um toque de ironia dizendo

“Mona! No primeiro episódio? Pegou pesado.” A expressão “mona” é usada para demonstrar cumplicidade ou leve espanto.

#### **Análise:**

Na legenda “Bitch... In the first episode? That's shady.” traduz “mona” por “bitch”, termo que na cena queer estadunidense pode transmitir ironia ou afeto. Essa escolha traz a intensidade da reação da participante, mesmo que troque a marca cultural brasileira por uma equivalente reconhecível no inglês.

#### **Sugestão:**

“Girl...” poderia ser outra opção. “Girl” também circula na cena drag estadunidense, como em *RuPaul’s Drag Race US*, Season 5, Episode 1, quando Alyssa Edwards exclama “*Girl, look how orange you look!*”. Continuaría sendo uma transferência e próximo da gíria “mona”.

#### 4.12 Close

*Figura 13: Legenda “Prepara o close. Que eu te pego na pose.”*



Fonte: (WOW Presents Plus, 2023)

- **Legenda pt-BR:** “Prepara o close. Que eu te pego na pose.”
- **Legenda en-US oficial:** “Strike a pose. And get ready for the closeup.”
- **Estratégia:** Imitação reversa

Durante o ensaio para o desafio da semana, a participante Betina Polaroid mostra sua composição musical para a Grag Queen. Em uma parte da performance, ela diz “Prepara o close. Que eu te pego na pose.”, atitude e impacto, um sentido ressignificado dentro da cena queer brasileira, que originou do termo técnico de “plano fechado” em fotografia ou cinema.

**Análise:**

A tradução “Strike a pose. And get ready for the closeup” cumpre a função comunicativa. Considerando que a participante apresenta uma composição musical, a rima entre pose e close desempenha papel fundamental na cadência da cena. Ao optar por “close-up”, a tradução acrescenta um elemento lexical que rompe a sonoridade criada no português.

**Sugestão:**

Uma alternativa tradutória possível consistiria em “Strike a pose. Get ready for the close”, preservando a rima entre pose e close. Embora close não seja comumente empregado de forma isolada no inglês para denotar enquadramento ou estilo performativo, essa adaptação recria o efeito sonoro e rítmico do original, privilegiando a musicalidade da cena e reforçando seu caráter estilizado.

#### 4.13 Arrasar

Figura 14: Legenda “Estou aqui pra arrasar.”



Fonte: (WOW Presents Plus, 2023)

- **Legenda pt-BR:** “Estou aqui pra arrasar.”
- **Legenda en-US oficial:** “I’m here to serve.”
- **Estratégia:** Transferência

A participante Betina Polaroid acaba de entrar na passarela e observa os jurados, comentando sobre seu desempenho: “Estou aqui pra arrasar.” Na cena queer brasileira, “arrasar” carrega valor performativo, indicando causar impacto estético, social e emocional, mostrando confiança e habilidade.

#### **Análise:**

“Arrasar” é um verbo performativo na cena queer brasileira, associado a causar impacto estético e social. A tradução oficial “I’m here to serve” mantém a força performativa e é usado dentro da cultura drag em inglês para indicar que alguém está se mostrando confiante, estiloso e impressionante na passarela ou em outras situações de performance.

#### **Sugestão:**

A legenda oficial é adequada, mas alternativas como “You’re slaying!” ou “You’re killing it!” também funcionariam e circulam no vocabulário queer no inglês.



Figura 15: Legenda “Foi um bapho!”



Fonte: (WOW Presents Plus, 2023)

- **Legenda pt-BR:** “Foi um bapho!”
- **Legenda en-US oficial:** “That’s gag-worthy!”
- **Estratégia:** Transferência

As participantes comemoram após apresentarem suas composições musicais. Betina expressa surpresa e entusiasmo pelo desempenho coletivo, dizendo “Foi um bapho!”, indicando que o resultado foi impressionante e digno de destaque.

#### **Análise:**

No português, “bapho” descreve um evento impactante ou chocante, algo que provoca reação e comentários. A tradução “That’s gag-worthy!” funciona na cena drag em inglês para transmitir que algo é impressionante ou performativo, mantendo a energia da expressão original. O termo é reconhecível na cultura drag estadunidense e cumpre a função comunicativa.

#### **Sugestão:**

Alternativas como “It was sickening!” ou “it was fierce!” que também trazem a carga performativa e continuam sendo transferência dentro do repertório drag em inglês.

#### 4.15 The Shade



Figura 16: Legenda “The shade!”



Fonte: (WOW Presents Plus, 2023)

- **Legenda pt-BR:** “The shade!”
- **Legenda en-US oficial:** “The shade!”
- **Estratégia:** Imitação reversa

Na sequência em que as participantes celebram a entrega de suas composições musicais, Melusine comenta de forma irônica para Naza: “Menos você”. As outras participantes reagem imediatamente com a exclamação “The shade!”, reconhecendo o comentário sarcástico.

#### **Análise:**

O termo “shade” vem da cultura ballroom e do voguing, registrado em documentários como *Paris is Burning* (1990) e usado em *RuPaul’s Drag Race*. Ele descreve uma crítica ou comentário sarcástico, geralmente feito de maneira sutil, e já circula globalmente na cultura drag. A versão em inglês “The shade!” mantém a forma e o sentido original, configurando uma imitação.

Por fim, a análise demonstra que nos 15 casos analisados, observa-se a ocorrência das estratégias de transferência (7), imitação reversa (4), paráfrase (2), imitação (1) e resignação (1). A prevalência da transferência indica a incorporação de termos já consolidados na cena drag estadunidense, como *gagged*, *slay* e *serve*. A

alta ocorrência de imitação reversa aponta o uso recorrente de expressões americanas na linguagem queer brasileira, com apenas uma ocorrência de manutenção de uma expressão queer brasileira na legenda americana. A paráfrase, menos recorrente, aparece em situações de adaptação para garantir inteligibilidade, enquanto a resignação, embora aplicada em apenas um caso, demonstra que havia alternativas tradutórias possíveis que poderiam manter o efeito performativo do original.

## CONCLUSÃO

O presente estudo analisou a tradução para o inglês (variedade estadunidense) das expressões queer presentes nas legendas do primeiro episódio do Drag Race Brasil, a partir das estratégias de legendagem propostas por Gottlieb (1994), retomadas por Taylor (2000) e organizadas por Farinha (2021). O objetivo foi compreender de que maneira a legendagem equilibra a busca por inteligibilidade para o público estrangeiro e a preservação dos elementos culturais, humorísticos e performativos da linguagem queer brasileira.

A análise indicou que as estratégias mais frequentes foram transferência (7 ocorrências) e imitação reversa (4 ocorrências), seguidas de paráfrase (2 ocorrências), imitação (1 ocorrência) e resignação (1 ocorrência). Não houve ocorrências das outras estratégias propostas (Expansão, transcrição, deslocamento, condensação, dizimação e eliminação) e houve necessidade de ampliação das categorias com a inclusão da estratégia de imitação reversa.

Algumas alternativas de tradução foram sugeridas ao longo da análise, com o intuito de refletir sobre opções que poderiam manter a musicalidade, o humor e o caráter performativo das expressões, aproximando-se do efeito do texto de partida. Exemplos como biscoiteira ou mona evidenciam a complexidade de se equilibrar inteligibilidade e preservação de identidades culturais em contextos tradutórios.

Conclui-se que as estratégias propostas por Gottlieb, sistematizadas por Taylor e Farinha, oferecem um quadro metodológico para analisar legendas de conteúdos audiovisuais queer, especialmente no que diz respeito à relação entre adaptação cultural e manutenção de performatividade. Os resultados reforçam a relevância de observar como a legendagem lida com expressões marcadas culturalmente, evidenciando que cada escolha tradutória pode ampliar ou reduzir a visibilidade de práticas identitárias no contexto audiovisual.

Este estudo contribui para os campos da tradução audiovisual e da tradução queer ao demonstrar a aplicabilidade do modelo de análise e ao oferecer reflexões práticas para futuras legendagens de conteúdos com marca cultural. Sugere-se que pesquisas futuras ampliem o corpus para outros episódios ou temporadas, investiguem recepções do público estrangeiro e comparem versões em diferentes idiomas, como espanhol ou francês.

Por fim, a pesquisa reafirma que a tradução de expressões queer, ao lidar com elementos de identidade e performatividade, não é neutra em seus efeitos. A forma como essas expressões são legendadas influencia a forma de circulação da cultura queer brasileira em escala global, contribuindo para sua maior visibilidade e reconhecimento em diferentes contextos culturais.

## REFERÊNCIAS

CINTAS, Jorge Díaz; ANDERMAN, Gunilla. *Audiovisual Translation: Language transfer on screen*. UK: Palgrave Macmillan, 2009.

CINTAS, Jorge Díaz; REMAEL, Aline. *Audiovisual Translation: Subtitling*. Londres: Routledge, 2007.

DAEMS, Jim. RuPaul's ambivalent appropriation of pop culture. In: DAEMS, Jim (Ed.). *The Makeup of RuPaul's Drag Race: Essays on the Queen of Reality Shows*. Jefferson: McFarland & Company, 2014.

FARINHA, Cláudia Isabel Franco Moreno Evangelista. *Questões de legendagem na tradução audiovisual: relatório de estágio na empresa Sintagma Traduções Unipessoal, Lda*. 2021. Disponível em: <https://repositorio.ulisboa.pt/>. Acesso em: 19 ago. 2025.

GOTTLIEB, Henrik. *Subtitles, Translation & Anglification: Changes in Danish Television Language*. Perspectives: Studies in Translatology, 1994.

GOMES JUNIOR, João. O pajubá como tecnologia linguística na constituição de identidades e resistências de travestis. *Cad. Gên. Tecnol.*, Curitiba, v. 14, n. 43, p. 300-314, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt>. Acesso em: 18 ago. 2025.

IVARSSON, Jan; CARROLL, Mary. *Subtitling*. Simrishamn: TransEdit, 1998.

NASCIMENTO, V. M. dos S.; MARIANO, N. A.; SANTOS, C. B. dos. Dialetos Pajubá: marca identitária da comunidade LGBTQIA+. **Grau Zero – Revista de Crítica Cultural**, Alagoinhas-BA: Fábrica de Letras - UNEB, v. 9, n. 2, p. 67–95, 2021. DOI: 10.30620/gz.v9n2.p67. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/grauzero/article/view/11952> . Acesso em: 26 ago. 2025.

REIF, Laura. Muito além do lacre: de onde vêm as raízes históricas do pajubá, o dialeto LGBTQ+ que já foi usado como linguagem em código e instrumento de resistência. *\*Trip\**, [S. l.], 11 fev. 2019. Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/trip/conheca-as-raizes-historicas-e-de-resistencia-do-pajuba-o-dialeto-lgbt> . Acesso em: 26 ago. 2025.

ROBINSON, Douglas. *Becoming a Translator*. 2. ed. Londres: Routledge, 2020.

RITTMAYER, Michael. The translation of slang. *Colloquium*, v. 5, p. 1-15, 2009. Disponível em: <https://digitalcommons.bucknell.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1042&context=chr> . Acesso em: 18 ago. 2025.

SAGE ENCYCLOPEDIA OF LGBTQ STUDIES. Disponível em: <https://sk.sagepub.com/reference/lgbtqstudies> . Acesso em: 18 ago. 2025.

TAVARES, Jeremias Lucas; BRANCO, Sinara de Oliveira. A tradução da linguagem drag em RuPaul's Drag Race: um estudo sobre representação através de legendas. *Revista Letras Raras*, Campina Grande, v. 10, n. 1, p. 210-235, jan. 2021. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10263147>

WOW Presents Plus, 2023. Disponível em: <https://www.wowpresentsplus.com/drag-race-brasil/season:1/videos/drbr-101> . Acesso em: 4 fev. 2025.